

ACONTECE

DANÇA

Maguy Marin confronta o belo com Beckett

ERIKA PALOMINO

Editora-assistente da Ilustrada

MAY B. Espetáculos com a Compagnie Maguy Marin, sediada em Créteil (França). Amanhã às 21h e sábado às 16h no Teatro Municipal de São Paulo (pça. Ramos de Azevedo, s/nº, tel. 222-8698, região central). É proibida a entrada depois do início da apresentação. Ingressos de Cr\$ 500,00 (anfiteatro) a Cr\$ 2 mil (platéia e balcão nobre) à venda nas bilheterias do teatro, de 10h30 às 18h. Sábado de 12h às 17h. Os ingressos podem ser adquiridos com os cartões de crédito American Express, Banco do Brasil, Nacional Visa, Credicard e Dinners. Sábado às 21h a apresentação é fechada, em benefício da Fundação Bial.

Chega hoje a São Paulo a francesa Maguy Marin (pronuncia-se maguí marran). Muita gente já deve estar perguntando —“quem???”—. Se alguma aproximação pode ser feita, pode-se chama-la de “a Pina Bausch francesa”. Ela não deve gostar muito —sua estética é ainda mais limpa—, mas é inevitável. Maguy Marin é hoje um dos principais nomes da dança francesa.

Há 12 anos tem sua companhia, desde 81 sediada em Créteil, nos arredores de Paris. Antes, estudou na escola Mudra, de Béjart, onde se formou. Na companhia do coreógrafo, descobriu o que não queria fazer.

As apresentações de amanhã e sábado no Municipal são as primeiras da companhia no Brasil. Tão obrigatórias quanto as de Pina Bausch no último Carlton. O programa é composto de uma única peça, justamente a que levou às alturas o nome da coreógrafa entre a crítica internacional [leia texto ao lado]. A montagem data de 1981 e já foi apresentada em mais de 15 países.

Trata-se de “May B.”, baseada na obra do irlandês Samuel Beckett. O título é um trocadilho. “B” é de Beckett, mas “maybe” significa talvez. Nada mais apropriado ao dramaturgo [leia texto nesta página].

Em entrevista ontem à **Folha**,



Bailarinos sujos de terra em cena de “May B.”, coreografia da francesa Maguy Marin que tem duas apresentações em SP, amanhã e sábado

por telefone, de Buenos Aires, Maguy Marin, 39, disse que o que a atraiu em Beckett foi o fato de o escritor trabalhar com os “handicapped” —deficientes, pessoas que levam desvantagem em relação às outras por algum motivo— e a maneira que esses indivíduos reagem em determinadas situações. Em um momento do espetáculo Maguy Marin reproduz a sensação de um cego tentando atravessar a rua. “Queria traduzir o ideário de Beckett em movimento, o que resultou não em uma movimentação de

dança, mas de vida”, diz.

“O movimento, para essas pessoas, nunca é fácil”, explica. “May B.” desafia os bailarinos a irem além de sua técnica de dança. Temos que nos esquecer dela e usar o gestual de quem não pode fazer isso”.

Maguy Marin se diz “chocada” com o caráter “grego” (palavras dela) da dança: “É algo essencialmente estético, os bailarinos são bonitos, jovens. Levar Beckett ao palco é confrontar esses dois aspectos”, explica, falando ainda dos mutilados.

Estão presentes também o vazio, a solidão, a noção de tempo e os “pequenos gestos”, como ela diz, de Beckett. “Às vezes as emoções vêm em movimentos pequenos, como pôr a mão na testa ou pegar uma xícara”.

Maguy Marin diz que é especialmente influenciada por danças étnicas. Não quanto à movimentação, mas na busca pelo essencial. “O butô, a commedia dell’arte, a dança africana, vão atrás de coisas muito simples, como a chuva, o sol ou o casa-

mento, mas são os mais importantes momentos da vida dessas pessoas.” A coreógrafa estende seu raciocínio às danças populares (tradicionais ou folclóricas): “É tudo tão natural que não se sabe quando eles dançam, cantam ou representam, não existe, não se vê a demarcação”.

Sobre essa linha fina entre teatro e dança, Maguy Marin mostra que sabe onde pisa e explica: “Há que se experimentar, não existe receita ou um equilíbrio definido entre os elementos. É como cozinhar”.

OPINIÕES

“Miss Marin é sempre sofisticada e profissional. E ela sabe muito bem o que faz. Se você tem preconceitos a respeito de trabalhos que tenham teatro e dança, prepare-se para assistir um espetáculo que é precisamente dança e teatro. Ela não explora o material de Beckett, mas o utiliza engenhosamente através de outra dimensão. Ela não ilustra as palavras do escritor, mas incorpora o espírito de Beckett a seu modo.”

(Anna Kisselgoff, “The New York Times”)

“May B.” é uma poderosa e inteligente evocação de um mundo exposto até seus ossos. E toda a companhia é soberba.”

(“The Village Voice”)

“May B.” não é um espetáculo concebido ao acaso. É a lógica com que Maguy Marin e seu grupo impuseram sua concepção dramática da dança e firmaram sua diferença.”

(“Le Monde”)